

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO NA POPULAÇÃO ADULTA UTENTES DO CENTRO DE SAÚDE DA CIDADE DE BRAGANÇA

Nascimento, Luís¹; Gomez, Joana¹; Reis, Cristina¹; Ribeiro, Isabel¹

¹ Departamento de Tecnologias da Saúde, Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança

Introdução

A automedicação inadequada, pode ter como consequência efeitos indesejáveis, complicações iatrogénicas e mascaramento de doenças evolutivas, representando, portanto, problema a ser prevenido. Vários estudos indicam que o risco dessa prática está correlacionado com o grau de instrução e informação dos usuários de medicamentos, bem como com a acessibilidade dos mesmos ao sistema de saúde.

Objectivos

Este estudo tem como objectivos determinar a prevalência da automedicação na população adulta que frequenta o centro de saúde da cidade de Bragança, identificar os sintomas e os motivos que levam o individuo a adoptar esta prática bem como saber se o mesmo tem conhecimento relativamente às reacções adversas e interacções medicamentosas associadas à automedicação.

Metodologia

Os dados necessários para elaboração deste estudo, foram recolhidos através da aplicação de um questionário estruturado. O local escolhido para a aplicação do questionário foi o centro de saúde da cidade de Bragança. A população alvo foi constituída por utentes de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e os 65 anos.

Resultados

A maioria dos inquiridos é do sexo feminino (63,6%), tem idade compreendida entre os 18 – 38 anos (43,6%), possui como habilitações literárias até ao 1º ciclo (28%) e reside na cidade (57,1%)

Do total de inquiridos que afirmam conhecer o termo automedicação (74,9%), 58,1% dizem ter ouvido falar através de uma conversa com amigos e familiares.

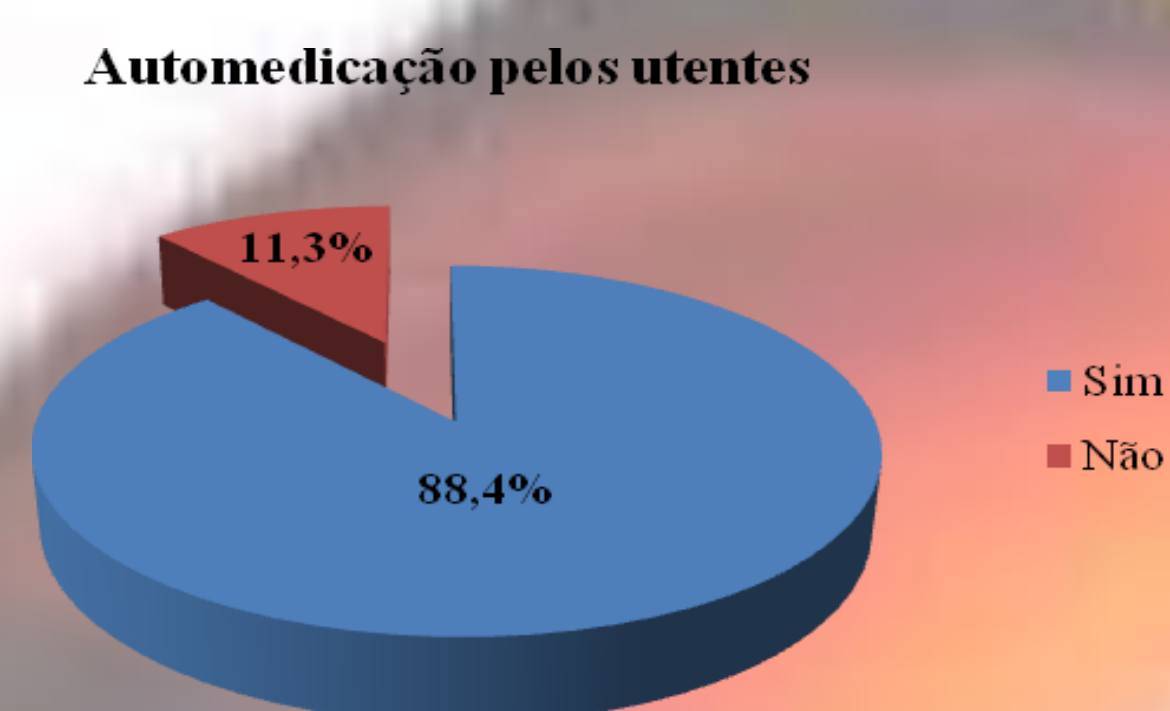


Gráfico 1 - Percentagem de utentes que se Automedica

A taxa de prevalência da automedicação registada, foi de 88,4% e destes, 43,6% afirmam que raramente praticam a automedicação Quando estão perante um problema de saúde, 36,4% dos inquiridos consulta um médico (gráfico 2).

Atitude do Utente perante um Problema de Saúde

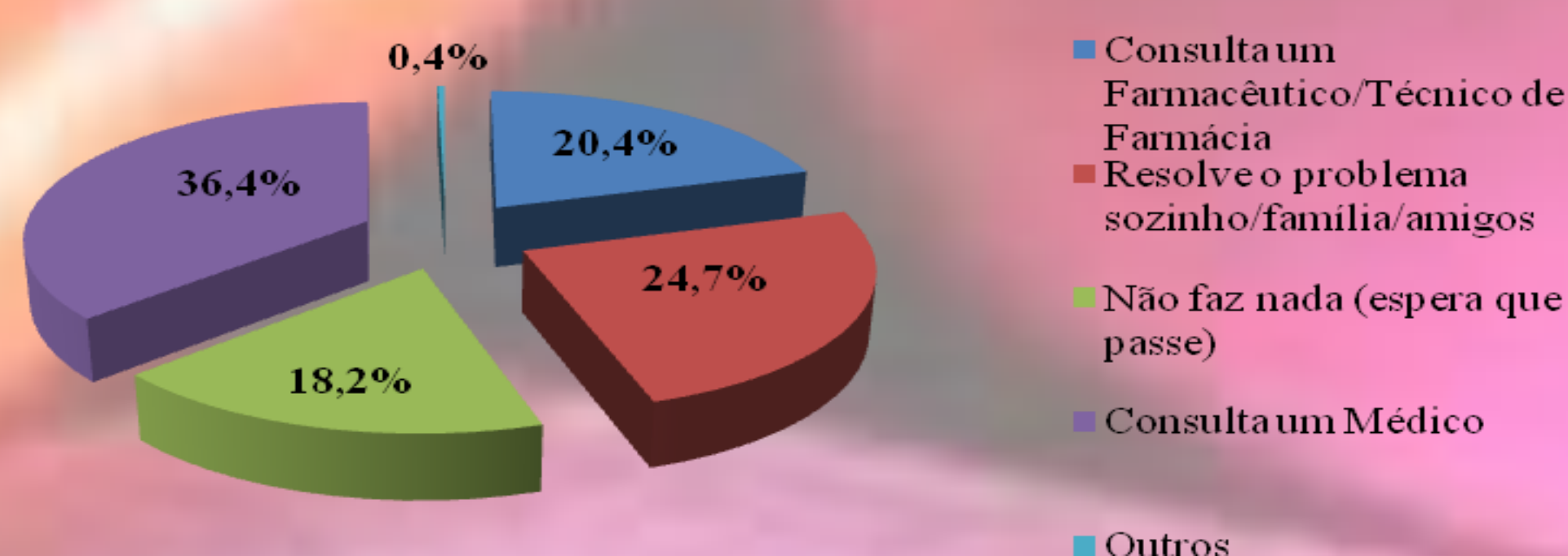


Gráfico 2 - Atitude do Utente perante um Problema de Saúde

Conclusão

A prevalência da automedicação é de 88,4% e destes apenas 58,5%) têm conhecimentos sobre os efeitos adversos dos medicamentos e 54,3% tem conhecimento dos efeitos das interacções medicamentosas. Os principais motivos que levaram à automedicação foram a gripe, as constipações e a tosse (76,5%). os analgésicos e antipiréticos são os grupos terapêuticos mais utilizados sem prescrição médica (91%). Os resultados obtidos neste estudo reforçam a necessidade de informar a população sobre o uso adequado e racional de medicamentos e alertando para os possíveis riscos que o uso inadequado possa acarretar.

O principal motivo que leva à toma medicamentos sem receita médica é a iniciativa própria (33,6%) (gráfico 3). A principal causa que leva os indivíduos a recorrer à automedicação é a gripe, constipação e tosse (76,5%).

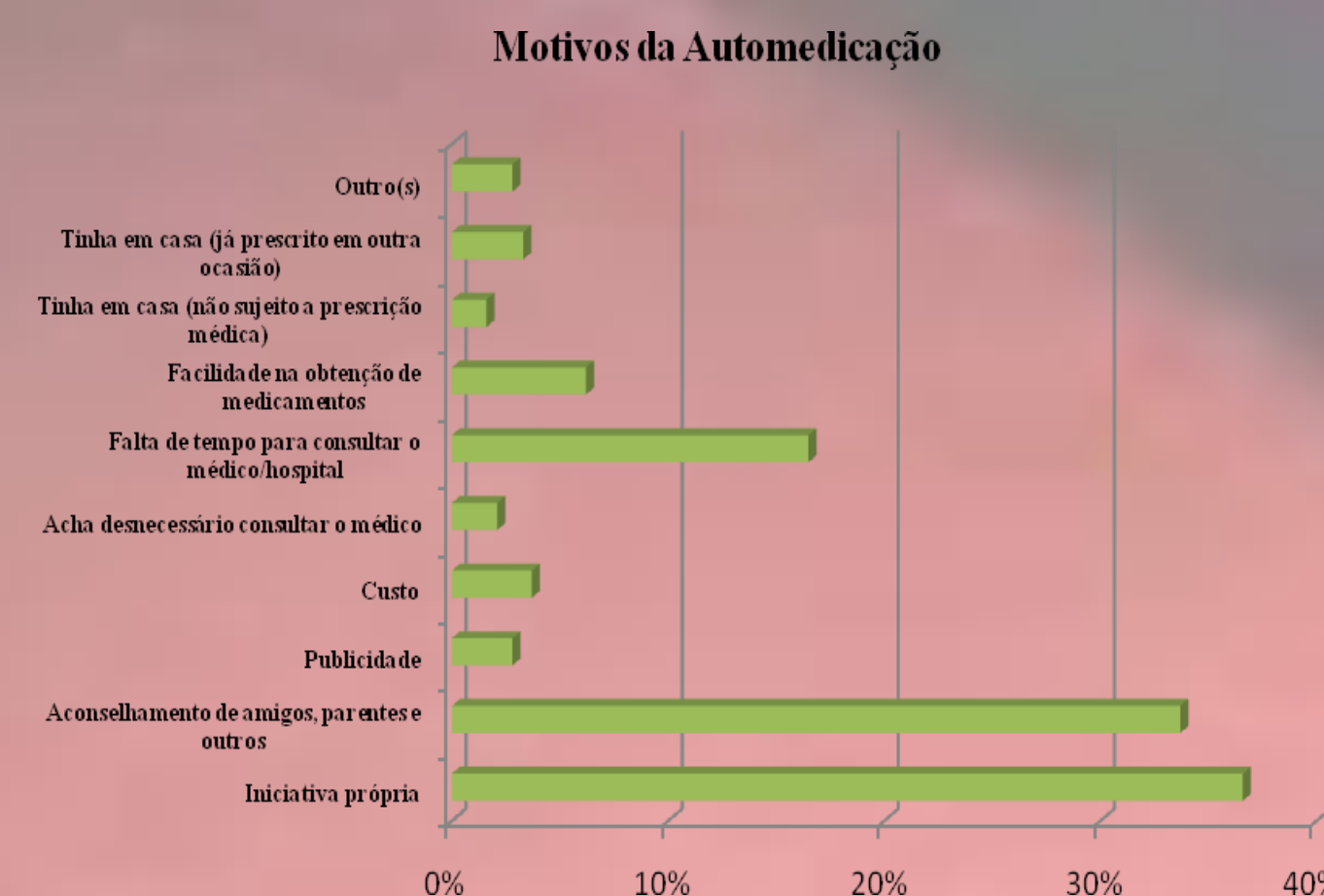


Gráfico 3 - Motivos para Automedicação por parte dos Utentes

Tal como mostra o gráfico 4, os analgésicos e antipiréticos são os grupos terapêuticos mais utilizados sem prescrição médica (91%)

Medicamentos usados na Automedicação

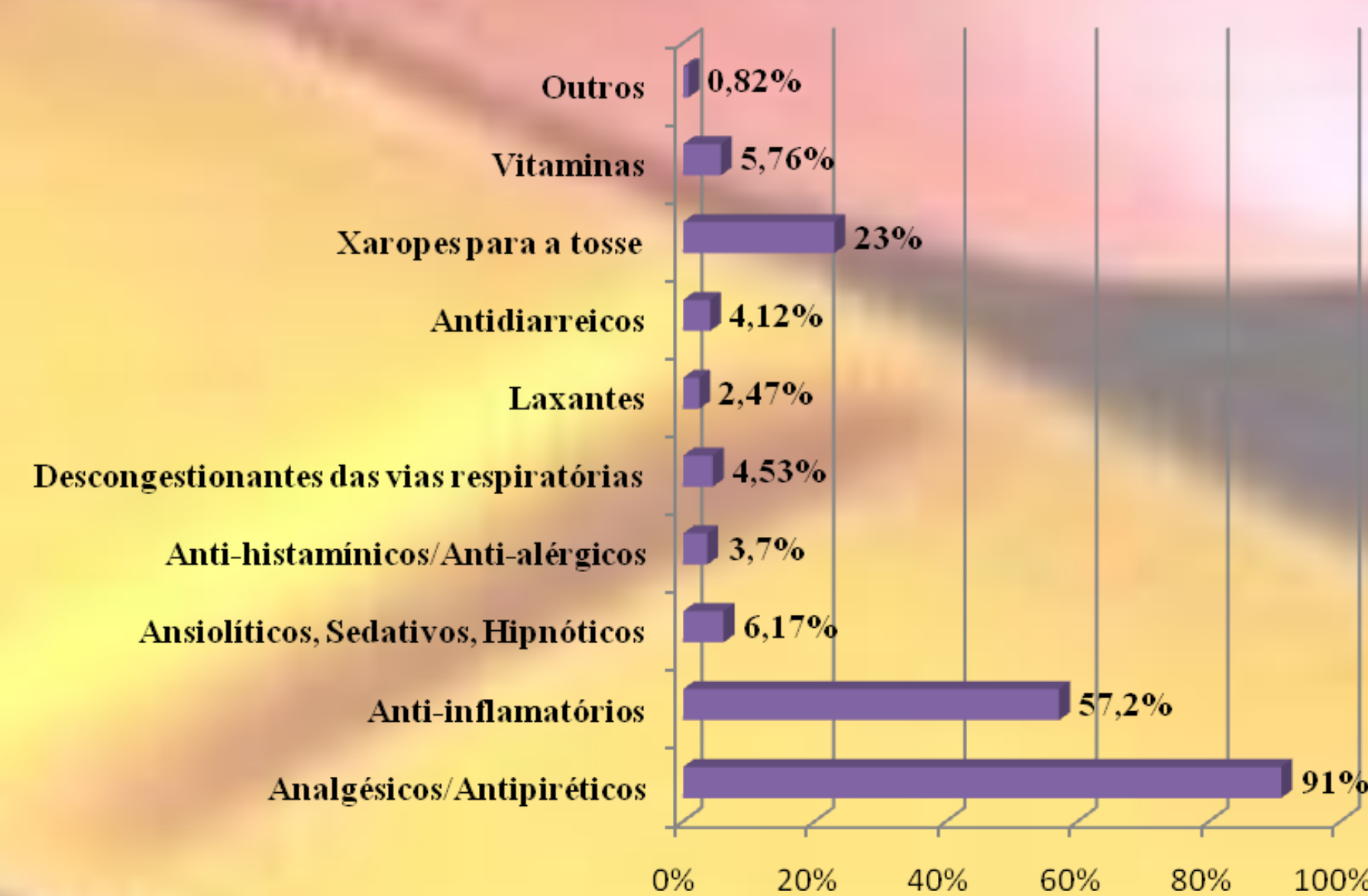


Gráfico 4 - Medicamentos usados na Automedicação

Entre aqueles que se automedicam, verificou-se que 58,8% têm conhecimento das reacções adversas e 54,3% desconhece as interacções medicamentosas (ver gráfico 5).

Conhecimento dos Utentes quanto às Reacções Adversas

Conhecimento dos Utentes quanto às Interacções Medicamentosas

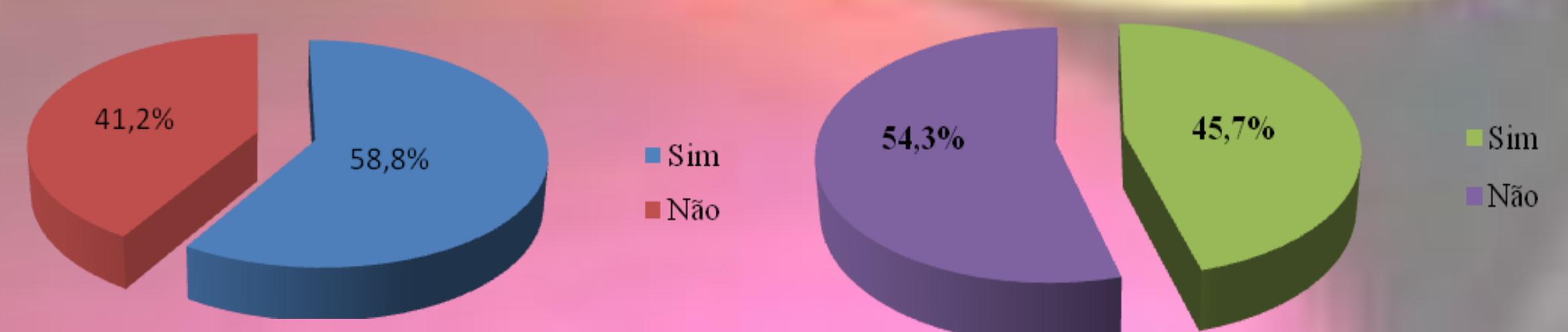


Gráfico 5 - Conhecimento do individuo relativamente às reacções adversas e às interacções medicamentosas

Utilizando os testes de independência, verificou-se que existe associação entre o “conhecimento do termo automedicação” e as variáveis “local de residência” ($p\text{-value}=0,000$), “e “nível de escolaridade” ($p\text{-value}=0,042$). Verifico-se ainda que o local de residência apresenta associação com o consumo de medicamentos sem receita médica ($p\text{-value}=0,010$). Por outro lado, provou-se que as variáveis “conhecimento das reacções adversas e das interacções medicamentosas” e o “sexo” não estão relacionadas.

Por fim, os resultados do teste de *Mann-Whitney*, utilizado para comparar dois grupos independentes, mostraram que a frequência de automedicação é diferente tendo em conta o género do inquirido ($p\text{-value}=0,020$).